

Fabio Lanza
Alexsandro Eleotério Pereira de Souza
Lais Celis Merissi
Larissa Mattos Diniz

YÁ MUKUMBY

a vida de Vilma Santos de Oliveira



2. ed. revisada e ampliada

Coleção
Presença Negra em Londrina

Universidade Estadual de Londrina
Londrina • 2013

Todas as fotos do acervo pessoal de Vilma Santos de Oliveira, sem data ou autoria, foram gentilmente cedidas pela biografada. Algumas matérias jornalísticas ou depoimentos orais reproduzidos trazem informações inexatas, porém foram mantidos porque ilustram dados da realidade ou do vivido pelos sujeitos da pesquisa e realçam a importância de Yá Mukumby.

Obra disponível no formato digital no sítio: www.uel.br/projetos/leafro/pages/publicacoes-da-equipe-leafro.php

Colaboraram: Profas. Dras. Ana Cleide Chiarotti Cesário e Ana Maria Chiarotti de Almeida, Anderson Mazzeo, Jamile Carla Baptista, Léo Okuyama, Márcia Figueiredo Tokita, Mariana Albuquerque Laiola da Silva, Mario Frago, Dr. Oscar do Nascimento e Dr. Zulu Araújo.

Revisão: Amanda Crispim Ferreira, Vânia Noeli Ferreira de Assunção e Verônica Merlin

Editoração: Kely Moreira Cesário e Maria de Lourdes Monteiro

Capa: Eliza Pratavieira e Lílian Lago

Imagem da capa: Léo Okuyama

Consultores/colaboradores: Profs. Drs. Carlos Toscano, Cesar Augusto de Carvalho e Nelson Dacio Tomazi

Leafro – Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros - Profa. Dra. Maria Nilza da Silva

NEAA – Núcleo de Estudos Afro-asiáticos - Profa. Dra. Maria Nilza da Silva

Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina



Catálogo elaborado pela Bibliotecária Roseli Inacio Alves – CRB 9/1590

Y11 Yá Mukumby : a vida de Vilma Santos de Oliveira, 2. ed. revisada e ampliada / Fabio Lanza...[et al.] – Londrina : UEL, 2013.
70 p. : il. (Coleção Presença Negra em Londrina)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7846-226-0

1. Oliveira, Vilma Santos de, 1950 – Biografia. 2. Cultura popular – Londrina. 3. Negros – Londrina. 4. Movimento negro – Londrina. 5. Candomblé. I. Lanza, Fabio. II. Título.

CDU 326(091)

Sumário



Prefácio.....	9
Apresentação	11
Introdução.....	14
De Jacarezinho a Londrina.....	17
Londrina: terra de esperança	19
Uma nova família se constitui	23
A escola: uma porta para a militância política.....	24
A saúde frágil e a força da religião.....	26
Nasce Yá Mukumby: o início da vida religiosa no Candomblé.....	28
Cultura e Religião: a resistência negra no Candomblé	30
D. Vilma: militância e o Movimento Negro de Londrina	32
Participação político-partidária	36
Articulação do Movimento Negro às Instituições Locais e Nacionais.....	38
Uma contribuição histórica para a UEL e para Londrina	43
Prêmio Zumbi dos Palmares: reconhecendo a importância do Movimento Negro de Londrina .	46
Vilma de Todos os Santos.....	49
D. Vilma: uma referência do Norte do Paraná.....	51
Liderança negra e religiosa.....	54
Considerações finais	57
Posfácio	59
Ya Mukumby Cidadã Honorária de Londrina	61
Referências	62
Álbum de família	65



Foto: Milton Dória. Acervo pessoal.

Todas as manhãs

Conceição Evaristo¹

Todas as manhãs acoito sonhos
e acalento entre a unha e a carne
uma agudíssima dor.

Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

¹Poetisa Negra, in Série Cadernos Negros – vol. 21.



Foto: Léo Okuyama.

Dona Vilma

Uma mulher firme e generosa. Sábia e guerreira, que tem dedicado sua vida à luta pela promoção da igualdade em nosso país. Com seu jeito manso e discreto, ela tem defendido ao longo de sua vida o direito a igualdade para todos os cidadãos brasileiros.

Religiosa, militante e mãe dedicada que tem acolhido as dores e os sofrimentos de todos aqueles que a procuram, filhos ou não, amigos ou não, alimentando com sua fé e esperança a luta pela construção de um mundo melhor.

Portanto, homenagear Dona Vilma é homenagear a saga da mulher negra brasileira, na sua busca permanente pelo respeito e pela dignidade.

É homenagear o combate a intolerância religiosa que lamentavelmente ainda existe em nosso país e o direito inalienável de qualquer cidadão em professar a religião que desejar.

É homenagear a luta pela promoção da igualdade, combatendo preconceitos de todas as ordens – sexismo, machismo e homofobia.

É, enfim, reconhecer o papel da mulher, e neste particular da mulher negra, na construção de uma sociedade, justa, fraterna e igualitária.

Toca a Zabumba que a terra é nossa!

Viva Dona Vilma!

Zulu Mendes Araújo

Presidente da Fundação Cultural Palmares

Brasília-DF, 11 de novembro de 2010.



Foto: Milton Dória. Acervo pessoal.

Prefácio à segunda edição

Ao reeditarmos a obra *Yá Mukumby – a vida e a obra de Vilma Santos de Oliveira* acreditamos estar contribuindo para que mais pessoas conheçam a trajetória de vida de Dona Vilma, menina negra e pobre que se tornou referência nacional no Movimento Negro e na religiosidade afro-brasileira.

Dona Vilma acolhia a todos, sempre tinha uma palavra de conforto independente de religião, crença ou ausência da mesma. Era profundamente generosa, lutou incansavelmente, todos os dias da sua vida, contra o racismo e a intolerância religiosa. Mesmo com problemas de saúde, que tornavam lentos os seus passos, mas não tiravam a firmeza de sua presença e voz, ela estava sempre disposta a participar de inúmeras reuniões, debates e entrevistas nos meios de comunicação ou organizações.

Ela foi fundamental na luta e no processo de implantação do Sistema de Cotas na Universidade Estadual de Londrina. Foram incontáveis os estudantes que a procuravam em sua casa para fazer pesquisas sobre o Candomblé e os negros no Brasil. Pacientemente acolhia a todos e explicava, ensinava e oferecia, junto com um lanche, aquele sorriso caloroso que envolvia a cada um.

Foi muitas vezes presidente do Conselho Municipal da Comunidade Negra, sempre combatendo todo tipo de intolerância e lutando pela efetiva implantação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira em todas as escolas públicas e particulares do Brasil.

Sua linda e forte voz envolveu a todos nós em inúmeras ocasiões. Era impossível não estremecer diante do seu canto. Lembramo-nos da comemoração dos 40 anos do curso de Ciências Sociais na UEL, no dia 15 de junho de 2013, quando ela cantou durante horas enquanto estudantes e professores dançávamos ao som do Samba de Roda que ela tanto amava e difundia. Ela é o nosso patrimônio!

Aos leitores indicamos o contexto em que está inserida essa nova etapa do trabalho de pesquisa e divulgação com fins didáticos. A vida de Dona Vilma e a de parte da sua família

foram ceifadas dentro de sua própria casa depois de ela ter passado o dia inteiro na Conferência Municipal de Igualdade Racial. Aquele 3 de agosto de 2013 tinha sido mais um dia de luta.

O trabalho biográfico foi revisado e breves mudanças no texto original foram implantadas. Optamos por não alterar o formato original da obra quanto ao tempo verbal quando nos referimos à Dona Vilma, tendo em vista que o texto da primeira edição foi elaborado no processo de pesquisa e contou com a participação direta da biografada. Há ainda o acréscimo do Posfácio, elaborado por Mario Fragoso, jornalista e ator, que atendeu nosso convite e aceitou-o prontamente para colaborar com essa difícil tarefa.

Desse modo, vimos convidá-los a conhecer Yá Mukumby por meio dessa biografia e pelos vídeos intitulados: “Tudo o que você gostaria de saber sobre macumba e nunca teve coragem de perguntar”¹ e “1 em 500 mil: Yá Mukumby”².

Foi um grande privilégio conviver com Dona Vilma e compartilhar momentos difíceis de luta contra o racismo, mas tantos outros de alegria, de aconchego, de acolhimento e de partilha. Que a sua vida, exemplo e alegria nos inspirem a continuar e a resistir!

Os Editores

¹ Vídeo produzido pela Vila Cultural Alma Brasil para o Prêmio Griô na Escola e na TV, sobre a mestre Griô Yá Mukumby em Dezembro 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=lomplMkV1SM>. Acessado em 01/nov/2013.

² Vídeo produzido pelo Jornal de Londrina GRPCOM em 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jzBmnc1DvQ8>. Acessado em 01/nov/2013.

Apresentação



Dona Vilma: uma mulher-referência

Dona Vilma, uma mulher negra que ao ser lembrada terá de ser com imensa admiração, pois trata-se de alguém que luta constantemente para que todos, e, em particular, os negros possam ser mais felizes neste mundo atual que persiste em eternizar pirâmides e discriminações sociais.

A vida de Dona Vilma é notada por uma militância a favor daqueles que estão em situação de maior sofrimento social, seja por causa das injustiças, especialmente o racismo e a discriminação racial, ou seja por causa dos sofrimentos inerentes à vida humana. Esperamos que continue a ser esta sua principal característica, por muitos e muitos anos.

Desde muito jovem, Dona Vilma viu-se envolvida em manifestações de protestos e reivindicações, ao participar da organização juvenil dos movimentos sociais e negros, ainda durante o período da repressão militar sob a ditadura dos anos 1960-1970. Ela faz parte da história do Movimento Negro de Londrina, como fundadora de uma instituição a AABRA – Associação Afro-Brasileira. Além do mais, foi presidente do Conselho Municipal da Comunidade Negra e proponente de projetos como o Pro-Ranti, em parceria com a Universidade Estadual de Londrina.

Hoje, aos 60 anos, continua em plena atividade, sempre fiel à sua luta, disponível para ajudar organizações e indivíduos. Como militante, todos conhecem a sua imensa força, que está baseada em sua capacidade de comunicação, de interação, de respeito às pessoas e, em especial, de sua coerência de vida. Tem-se dignificado como dona de casa e mãe-educadora dos seus filhos, uma vertente imprescindível das famílias negras que querem se estruturar e sobreviver a essa luta sem quartel contra a alienação e a violência provocada pela sociedade e pelo próprio Estado, que provocam a desintegração da personalidade.

Além disso, como mãe de Santo segue acolhendo inúmeros filhos que encontram em suas palavras o aconchego, mas que também acham nela a sabedoria daqueles que sabem dizer a verdade, ainda que esta não seja do agrado daquele que imprevistamente a escuta. Como mulher negra, é daquelas que lutam pelo seu núcleo familiar, mas também pela família ampliada. Uma dura luta para escapar às consequências do racismo brasileiro, que continua a tratar a mulher negra como se fosse submetida a uma perene inferioridade. A sua ética de vida atravessa, pois, as suas ações.

Superar as dificuldades próprias que a mulher negra brasileira sofre é praticamente a missão de todas as mulheres negras no Brasil. Dona Vilma, sendo mulher e negra, convive com as agruras do racismo, do machismo e das dificuldades próprias de quem vive num país que discrimina racialmente, no cotidiano continuado. No entanto, tem lutado para superar as próprias dificuldades, transferindo a sua luta para o coletivo daqueles que mais precisam, seja ao desenvolver o projeto em que acolhe crianças pobres em sua Casa em Cambé, seja ao acolher todos aqueles que a procuram para amenizar as agruras da vida, ou simplesmente os que vão a ela pedir-lhe a bênção.

Também foi uma das principais lutadoras para a adoção da política de Ação Afirmativa, as cotas na UEL. Incansavelmente, participou de debates em todos os âmbitos da sociedade londrinense. Além disso, muitos também já tiveram o prazer de ouvir a sua forte e preciosa voz de cantora. Quando ela canta, seu canto ecoa no fundo da alma dos ouvintes.

Em suma, é por tudo isso que Dona Vilma merece uma biografia. Quando se mencionam palavras, expressões e conceitos como “negro”, “movimento negro” ou “combate à discriminação racial e ao racismo” surgem alguns nomes que são representantes sociais da comunidade, entre os quais avulta o de Dona Vilma.

O LEAFRO - Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Estadual de Londrina tem como principal objetivo estudar e divulgar a história da população negra em Londrina. Após o lançamento da biografia do Dr. Clímaco, o LEAFRO dá mais um passo à frente ao apresentar este trabalho, pois se mantém fiel no cumprimento de seus objetivos. Trata-se de algo novo, de resgatar a história dos negros que contribuíram para a existência de Londrina e, com

este trabalho, mostrar a história atual de uma mulher guerreira que vai continuando, cotidianamente, com suas atividades o legado de muitos que já passaram por Londrina, assim como o de Manoel Cypriano, do Dr. Clímaco e do Pastor Jonas, entre outros. Dona Vilma prossegue a sua luta sem jamais ter pactuado com ideias mercantilistas que desvirtuassem a ética da ação e da representação social e espiritual do seu povo. Não fez concessões que pudessem ir contra sua ética e princípios de vida. São exemplos como o de Dona Vilma que todos precisamos.

À equipe do LEAFRO, sob a coordenação do Prof. Dr. Fabio Lanza, os parabéns por mais este trabalho.

Maria Nilza da Silva

Pós-doutoranda na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Bolsista CAPES.
Paris, 6 de novembro de 2010

Introdução



OS SABERES DO FEMININO — DO SAGRADO AO POLÍTICO

Fabrizia Christiane dos Santos

Márcia Tokita Figueiredo

Maria Gisele de Alencar

A Coleção Presença Negra em Londrina, vinculada ao Projeto Leafro e ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, contribui com a divulgação da trajetória e da luta da população negra no processo de nascimento, desenvolvimento e consolidação da cidade de Londrina como um dos principais pólos econômicos, sociais e culturais do Estado do Paraná. A história da população negra em Londrina, como em muitas outras cidades brasileiras, não recebeu o devido reconhecimento e valorização. Portanto esse trabalho pretende mostrar a trajetória de uma importante personalidade, a história de Vilma Santos de Oliveira, conhecida como Dona Vilma ou Yá Mukumby.

Esta biografia apresenta a história de vida de uma mulher, negra, Yalorixá de família pobre, que fez com que sua voz fosse ouvida e respeitada por mulheres e homens negros(as) e não negros(as).

É guerreira no plano sagrado, como Yalorixá que enfrentou, e ainda enfrenta diariamente, a discriminação para manter viva e valorizada a raiz religiosa africana, o Candomblé. Guerreira no plano político-social, enfrenta as barreiras e as asperezas de uma sociedade racista e machista.

D. Vilma vem atuando como protagonista e sujeito tanto de sua história pessoal, quanto a da população de Londrina e região. Sua trajetória religiosa e política não se limita aos sentidos individualistas, ou seja, seu reconhecimento local não é utilizado como “degrau” para o seu reconhecimento social: é, acima de tudo, uma trajetória fundamentada no, e para o, coletivo.

A sabedoria de mulher religiosa e Mestre Griô¹ não foi adquirida nos bancos acadêmicos formadores de mestres e doutores. Seu conhecimento revela a grandiosidade e seriedade de saberes capazes de revelar, explicar e valorizar a luta cotidiana pela sobrevivência das populações pobres e das periferias.

A atuação política de D. Vilma nos processos de elaboração e efetivação de ações objetivas para a desconstrução do racismo e da discriminação racial, através de uma incansável militância junto ao Movimento Negro de Londrina e em muitas frentes, como na vida religiosa, na participação da política partidária e junto à Universidade Estadual de Londrina, consiste em um compromisso ético e de respeito para com seu povo. Dos projetos sociais à implantação de políticas de ação afirmativa no ensino superior em Londrina, Vilma Santos de Oliveira, 60 anos, é exemplo de coragem e força. Sem descanso, continua acreditando numa sociedade mais justa para todos, com menos desigualdade e menos racismo.

A biografia apresentada foi elaborada a partir das investigações bibliográficas, documentais, iconográficas e orais realizadas pela equipe do Leafro. Para este trabalho foram realizadas três entrevistas, a primeira foi concedida à Mariana Albuquerque Laiola da Silva, a segunda foi realizada pelas professoras Ana Cleide Chiarotti Cesário e Ana Maria Chiarotti de Almeida e, por fim, a terceira concedida aos autores deste texto.

A parte inicial do trabalho traz ao leitor as memórias da primeira infância à juventude de D. Vilma, apresentando as dificuldades de uma família matriarcal – afinal, D. Allial, mãe de D. Vilma, ficou viúva muito cedo e as responsabilidades de manter a família recaíram sobre seus braços. Além dessas dificuldades, apresenta os primeiros contatos com a discussão racial, pela influência das primeiras vozes da luta antirracista na cidade de Londrina. Mais adiante, busca-se referendar os processos de iniciação no universo religioso e político, e como essa *Guerreira de Ogum* fez da

¹ Ver mais informações sobre os mestres griôs na parte final desta Biografia.

sua vida a luta e o compromisso com a justiça social, de modo que todos sejam contemplados independentemente de sua ascendência ou crença.

Na parte final, os autores preocuparam-se em enfatizar a intensa luta pela instituição de políticas públicas direcionadas à população negra no âmbito educacional e à valorização e reconhecimento das religiões de matrizes africanas (Candomblé e Umbanda), para além do sagrado, como uma forma de resistência negra. Foi ressaltada nesta biografia a importância desta Mãe de Santo atuante do Movimento Negro de Londrina e que desenvolve significativos projetos socioculturais com a finalidade de promover e valorizar a cultura africana e afro-brasileira.²

Londrina, 03 de novembro de 2010.

²Conjunto de manifestações culturais que sofreu algum grau de influência da cultura africana desde os tempos do Brasil colônia até a atualidade.

De Jacarezinho a Londrina...



Quando se trata de resistência negra em Londrina, é impossível não lembrar Vilma Santos de Oliveira, a D. Vilma ou Yá Mukumby, como é conhecida. A história de luta do Movimento Negro londrinense perpassa a história de vida desta mulher nascida em Jacarezinho, no interior do Paraná, no dia 17 de julho do ano de 1950. D. Vilma é filha de Allial Oliveira dos Santos, nascida em Piraju, São Paulo, e Antonio dos Santos, nascido em Paraisópolis, Minas Gerais. Seus pais foram para Jacarezinho na época em que o cultivo de cana trouxe para a região muitos trabalhadores dos estados de São Paulo e Minas Gerais, para uma usina de produção de açúcar no município.³



Disponível em <<http://jacarezinho.nafoto.net/photo20090315103209.html>>, acessado em 12 out. 2010.

³ Conforme entrevista cedida por Vilma Santos de Oliveira aos autores, em 4 out. 2010, para elaboração desta Biografia.

Foi em Jacarezinho que Sr. Antônio e Dona Allial se conheceram e se casaram, em 1949. Após 11 dias do nascimento de D. Vilma, em 1950, o seu pai faleceu, aos 22 anos de idade. A mãe de D. Vilma, então, ficou sozinha e responsável por cuidar da filha recém-nascida e também de sua mãe — Georgina Almeida de Oliveira, que era parálitica. Foi com a profissão de costureira, que aprendera com sua mãe, que Dona Allial conseguiu manter sua família.

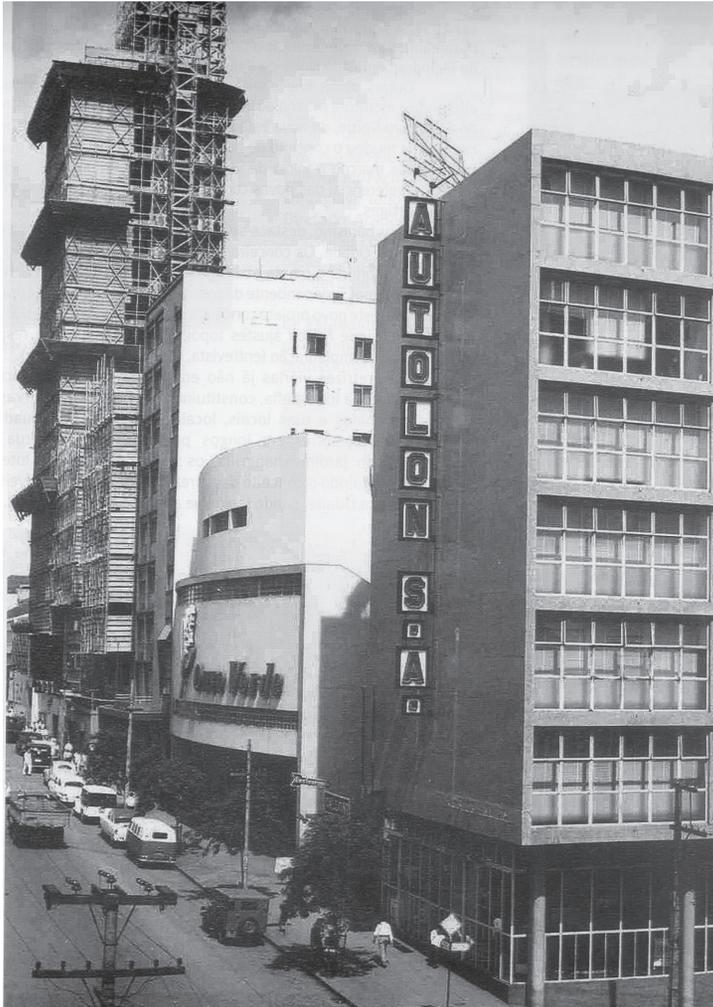


D. Vilma à esquerda, no colo de sua mãe, ao lado tio Angelino Xavier e da tia Maria Almeida de Andrade, com a filha Sílvia Almeida de Andrade e, sentada, a avó materna Dona Georgina Almeida de Oliveira. Foto: acervo pessoal.



Sr. Antonio dos Santos – pai de D. Vilma (à direita), com os amigos de Jacarezinho, ao centro Sr. Benedito e Sr. Zadico (à esquerda). Foto: acervo pessoal.

Londrina: terra de esperança



Em 1951, D. Allial mudou-se para Londrina, junto com sua mãe e sua filha. Foi um tio de D. Vilma, Leodoro Almeida de Oliveira, irmão de D. Allial, quem colaborou para a vinda da família para a nova cidade que emergia no Norte do Paraná.

O tio Leodoro era homem com muita experiência de vida: já havia trabalhado na área do comércio imobiliário em várias regiões do país.

Centro de Londrina, Cine Teatro Ouro Verde e Ed. Autolon, projetos dos arquitetos J. B. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. Foto: autor desconhecido.

Acervo: Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.



O tio de D. Vilma, Leodoro.
Foto: acervo pessoal.

Leodoro foi um “homem de negócios”, o mais “atirado” da família, segundo a própria D. Vilma⁴; veio para Londrina trabalhar na derrubada das matas, vendendo sítios e lotes. A exemplo do Sr. Leodoro, muitos outros negros também contribuíram para a construção de Londrina, literal e figurativamente. Com o esforço do seu trabalho e sua capacidade de negociar e vender, conseguiu construir três casas na cidade que, naquele momento, começava a se desenvolver por meio da produção cafeeira. Foi em uma dessas casas, cedida pelo tio, que D. Vilma morou por cerca de 18 anos.

É possível perceber que a população negra estava presente desde o início da formação da cidade e da região. A versão oficial da história de Londrina, à qual temos acesso nos museus, livros e escolas, não valorizou a contribuição dos trabalhadores pioneiros e suas famílias. Eles não receberam destaque ou reconhecimento público, o que comumente acontece com as famílias daqueles que possuíam muitas terras e dinheiro, e que até hoje tem seus nomes louvados em praças, ruas e escolas. No caso das famílias negras, os trabalhadores⁵ e trabalhadoras também são anônimos e duplamente desprestigiados⁶, porque eram explorados como mão de obra dentro da lógica econômica capitalista e também discriminados pelo preconceito racial presente na sociedade brasileira.

Pode-se afirmar que foi por meio do tio Leodoro que D. Vilma, ainda criança, teve os primeiros contatos com a discussão sobre a temática racial. A casa onde morava com sua mãe e avó ficava

⁴ Em entrevista realizada pelos autores para a elaboração desta Biografia, em 4 out. 2010.

⁵ Como exceção, podemos citar o Dr. Clímaco, médico negro vindo da Bahia, que se estabeleceu em Londrina e teve grande prestígio e reconhecimento público. Cf.: PANTA, Mariana; SILVA, Maria Nilza da. *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina*. Londrina: UEL, 2010.

⁶Cf.: Silva (2008) e Diniz;Borghini (2010).

ao lado da Associação Recreativa Operária de Londrina (AROL⁷), na Vila Nova. Segundo D. Vilma,⁸ seu tio Leodoro juntamente com Manoel Cypriano e Dr. Oscar Nascimento desempenharam um papel muito importante na formação da primeira organização negra da cidade.



Desfile da AROL na cidade de Londrina em combate ao preconceito e à discriminação racial.
Foto: autor desconhecido. Disponível no Museu Histórico Pe. Carlos Weiss.

Dona Allial também ocupou importante papel no pioneirismo londrinense. Em 1950, ela foi convidada pelo juiz de direito Theobaldo C. Navolar – que já a conhecia por meio de seus trabalhos de costura — para trabalhar na Faculdade de Direito da cidade. A partir disso, Dona Allial exerceu por aproximadamente 25 anos a função de zeladora da primeira faculdade do

⁷ Para mais informações ver: Diniz (2010).

⁸ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

município, a Faculdade Estadual de Direito de Londrina⁹. Dessa forma, pode-se indicar que D. Allial foi uma das trabalhadoras pioneiras no campo educacional na cidade, porque atuou desde a fundação da referida instituição até sua transferência para o *campus* atual da Universidade Estadual de Londrina (UEL).¹⁰



Dona Vilma e sua mãe.
Foto: Léo Okuyama.

⁹ A referida faculdade foi incorporada em 1973 com outras existentes no município ao projeto de constituição da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

¹⁰ Conforme entrevista realizada pelos autores para elaboração desta Biografia, em 4 out. 2010.

Uma nova família se constitui



D. Vilma casou-se aos 24 anos de idade, em 1974, com Flávio de Oliveira, que atua profissionalmente como pintor. Tiveram quatro filhos e adotaram mais dois, são eles: Gislene Helena Santos de Oliveira, Lincoln Santos de Oliveira (em memória), Robson Eduardo de Oliveira, Patrícia Fernanda de Lima, Vanessa Santos de Oliveira e Victor Jubiaba dos Santos. Hoje, o casal têm sete netos: Adanna, Cecília, Iori, Ítalo, Milena, Olívia e Solana.



D. Vilma e seu marido, Flávio.
Foto: Léo Okuyama.

A Escola: uma porta para a militância política



D. Vilma teve sua vida escolar marcada por diversos problemas. De fato, em decorrência da discriminação racial e também do que os médicos chamaram de crises de epilepsia, que sofria na adolescência, ela não pôde completar o segundo grau. Sua trajetória escolar começou na Escola Estadual Nilo Peçanha e continuou na Escola Estadual José de Anchieta.¹¹ D. Vilma afirmou que havia preconceito racial no ambiente escolar, mas, segundo ela:

a gente não dava muita conta do que era o preconceito dentro da escola. [...] Você não dava muita conta da dimensão daquilo, até porque você entendia que era normal: [...] o pessoal fala que negro é feio, então é feio, seu cabelo é ruim, então é ruim! [...] Você não vai para lugar nenhum, [...] não tem a dimensão que não é daquele jeito! Que você tem os seus direitos, só mais tarde que você vai adquirindo conhecimento.¹²

Durante o período inicial da ditadura militar, na década de 1960, D. Vilma conheceu o movimento estudantil e passou a frequentar as reuniões da União Londrinense dos Estudantes Secundaristas (ULES). No entanto, seu tio Leodoro, receoso em face das perseguições políticas e da repressão militar, impediu a continuidade da participação de D. Vilma no movimento estudantil.

A situação política e social na época do regime repressivo (1964-1985) era realmente complicada em Londrina, assim como em todo o país. Após a deposição, por meio de um golpe

¹¹ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

¹² Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

dado pelo Alto Comando das Forças Armadas, do então presidente da República, João Goulart, eleito democraticamente, instituiu-se um governo militar em que as liberdades civis foram suprimidas pelos diversos Atos Institucionais (AI) publicados pelos presidentes militares que se sucederam no poder executivo brasileiro.

Nesse contexto, todos os seus opositores foram duramente perseguidos em nome da política de segurança nacional. Houve até um amigo de D. Vilma, Florismar, apelidado de “Flores”, estudante, poeta, militante e negro, que foi preso por trocar correspondência com algumas pessoas em Cuba. Conta ela, *“ele sumiu, pegaram ele às cinco da manhã na casa dele e depois a mãe dele chegou a ver ele em uma solitária em Curitiba, [...] e depois nunca mais”*.¹³ Depois de muito tempo, por meio do contato de um padre que havia ficado preso com Flores, D. Vilma ficou sabendo de sua morte: *“O padre respondeu que o Flores tava morto, foi a única coisa que a gente soube, mais nada”*.¹⁴

¹³ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

¹⁴ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

A saúde frágil e a força da religião



A passagem da infância para a adolescência de D. Vilma foi marcada pelo que os médicos chamavam de crises epiléticas. A busca de tratamento convencional não resolveu seu problema de saúde, o que fez com que sua mãe procurasse ajuda religiosa, a princípio em um Centro Espírita, e depois na Umbanda.¹⁵

Eu tinha uns 14 anos, mais ou menos. Eu fiquei doente, eu tive uma crise, e eu demorei muito pra acordar, e aí a minha mãe começou a me levar no centro [...]. Mas eu não tinha convulsão, comecei a ter nessa idade, comecei na adolescência. A minha mãe começou a me levar no centro, aí que eu me iniciei [...], Curou, aí eu me iniciei. Ela me levava, frequentei, fazia o tratamento lá no centro, tudo, e daí eu comecei a frequentar a religião. Na verdade não era o Candomblé, era Umbanda, e depois, a partir daí, eu me identifiquei. Eu conheci também, mais tarde, um pouquinho do Candomblé, aí já tinha mais noção, eu me identifiquei mesmo.¹⁶

Assim, D. Vilma passou a participar dos cultos umbandistas, conhecendo o Candomblé por intermédio de uma tia, Maria Almeida de Andrade, ela se identificou com a religião e “criou raízes”. Suas crises de epilepsia foram superadas e Dona Vilma tornou-se uma iniciante¹⁷ muito interessada; foi no cotidiano do Terreiro que ocorreu seu aprendizado. Nas religiões afro-

¹⁵ A Umbanda é uma religião brasileira de matriz africana. Um dos motivos pelo qual se diferencia do Candomblé é que, em sua formação, teve forte influência tanto de religiões africanas quanto do catolicismo e do espiritismo de Allan Kardec, enquanto o Candomblé manteve suas práticas mais próximas da tradição africana. (SILVA, 2005).

¹⁶ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

¹⁷ Iniciante é aquele ou aquela que passa pelo processo iniciático do Candomblé. A iniciação (ou “fazer o santo”) é o momento no qual a pessoa se compromete efetivamente com a religião, com o Orixá e com as obrigações do Terreiro (unidade religiosa autônoma desse sistema religioso). O processo de iniciação dura de uma semana a um mês, variando conforme a Casa de Santo.

brasileiras,¹⁸ a construção e a difusão do conhecimento ocorrem por meio da tradição oral africana¹⁹.

A partir das referências de D. Vilma sobre a transmissão oral dentro do Candomblé é possível perceber que não se trata apenas de um sistema religioso politeísta de origem africana. Trata-se, de fato, de uma forma de resistência que atuou historicamente no Brasil há mais de quatro séculos, e sobreviveu, com seu legado, mesmo não sendo permitido (no período colonial ou imperial) ou sofrendo perseguição pelas polícias ou elites políticas durante o período republicano, a partir do século XIX.



D. Vilma no Candomblé na iniciação de sua mãe D. Allial e de seu filho Robson.
Foto: acervo pessoal.

O processo de formação de Yá Mukumby dentro do Candomblé não foi somente relacionado à religião, foi também uma tomada de consciência política e histórica racial do Brasil.

Na família ampliada de D. Vilma (tios e tias, primos, entre outros), algumas pessoas são candomblecistas, outras são católicas, evangélicas ou kardecistas. D. Vilma afirma que não teve grandes problemas com a aceitação dos parentes em relação ao Candomblé e atribui isso ao fato de toda a família ser negra. Assim, quando questionada sobre sofrer preconceito familiar em relação à sua religião, afirmou: “*Não, na família não. A família*

toda é negra, ninguém fez grandes questionamentos”.²⁰ Essa realidade familiar e religiosa expressa muito bem o sincretismo religioso presente na formação brasileira, tanto que D. Vilma casou-se com o Sr. Flávio de Oliveira num cartório civil e numa cerimônia religiosa católica.

¹⁸Para maior aprofundamento nessa temática, ver: Silva (2005).

¹⁹A maioria das culturas africanas mantém sua identidade por meio de narrativas de histórias e mitos, assim como por meio de ritos, gestos e cantos. Essas formas de transmissão e construção de conhecimento não se referem ao código escrito (ou seja, a construções de textos). Por isso é importante a tradição oral – é ela que alicerça as sociedades tradicionais africanas.

²⁰ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

Nasce Yá Mukumby: o início da vida religiosa no Candomblé



Pintura de Ogum e tambores de Macumba.
Foto: Léo Okuyama

Quando D. Vilma, após o processo de iniciação, cumpriu suas primeiras obrigações²¹ no Candomblé, nasceu a Yá Mukumby, a Mãe de Santo filha de Ogum,²² o Orixá guerreiro.

Na África, o Candomblé tem como característica as famílias de santo, que são famílias consanguíneas. Contudo, com o tráfico de negros de diversas regiões africanas, eles foram separados de suas famílias e, quando levados para a senzala no Brasil, foram estrategicamente distribuídos, visando a não comunicação entre eles, já que havia uma pluralidade étnica e linguística (SILVA, 2005).

No Brasil, o sistema religioso do Candomblé estruturou-se nas famílias de santo não consanguíneas. Para se integrar à família, há um processo de iniciação que implica cumprir com certas obrigações próprias da sua nova família “sagrada-religiosa” (SILVA, 2005). Por isso, podemos afirmar que se trata de um novo nascimento dentro da família de santo, no caso Yalorixá (ou Yá) Mukumby, filha do seu Orixá específico: Ogum.

Inicialmente, sua organização religiosa Ilê Ashé Ogum Mêge²³ estava instalada num quarto e posteriormente num terreiro improvisado nos fundos de sua casa, localizada no Jardim Hedy, em Londrina. Depois foi transferida para a sede própria, localizada na divisa das cidades de Londrina e de Cambé,²⁴ e suas atividades foram iniciadas na década de 1970.



Dona Vilma durante a Festa de Ere em outubro de 2012.
Foto: Jamile Carla Baptista

²¹ As obrigações são rituais que implicam a realização de tarefas ou atividades comuns. No sistema religioso do Candomblé, cada Filho ou Filha de Santo, depois de um ano de sua iniciação na religião, cumpre essas obrigações que são feitas para o Orixá correspondente de cada indivíduo na sua família de Santo.

²² “Os orixás tornaram-se deuses adorados por toda uma população que passou a incorporar seus mitos (segredos rituais) e tê-los como suas entidades espirituais regentes, independentemente da sua cor ou origem” (SILVA, 2005, p.67-68).

²³ Cujá tradução é Casa de Ogum Ilê, Orixá de D. Vilma.

²⁴ Situado na Rua Elis Regina, 23 Jd. Josiane, na cidade de Cambé.

Cultura e Religião: a resistência negra no Candomblé



Yá Mukumby no Terreiro, pintura de Ogum e tambores de Macumba.
Foto: Léo Okuyama.

Aos 26 anos, D. Vilma tornou-se Mãe de Santo, Yalorixá Mukumby Alagângue, qualidade de seu Orixá, Ogum da Nação Angola.²⁵

Sua Casa de Candomblé, situada no bairro Josiane, em Cambé, nomeada Ilé Ashé Ogum Mêge, provavelmente é uma das mais antigas da região de Londrina, na década de 1970, foi erguida com recursos próprios, levando aproximadamente 10 anos para ser construída.

No Ilé Ashé Ogum Mêge, são realizados vários projetos socioeducacionais e culturais, cujo principal objetivo é promover a cidadania e a preservação da cultura afro-brasileira, atingindo principalmente os grupos populacionais marginalizados e discriminados. Yá Mukumby, ao falar sobre o Candomblé, não desvincilhou em momento algum a questão racial de seu discurso religioso, há uma preocupação com o racismo e a discriminação racial sofrida especialmente pelos negros no Brasil.

²⁵ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.



Visita dos estudantes de Ciências Sociais da Região Sul, promovida pelo XXII Encontro Regional dos Estudantes de Ciências Sociais (ERECS) no Terreiro Ilé Ashé Ogum Mêge, durante a realização das atividades do projeto de percussão com as crianças do bairro, 2010. Foto: discente de Ciências Sociais.

As ações afirmativas, como as cotas nas universidades e projetos socioeducacionais destinados à população negra, estão presentes em sua trajetória de vida. Percebe-se também a perspectiva de afirmação e preservação da cultura de origem africana.

D. Vilma: militância e o Movimento Negro de Londrina



Na década de 1970, Yalorixá Mukumby passou a desenvolver as atividades do Terreiro, trabalhando na conservação da cultura afro-brasileira. Foi nessa época que iniciou sua militância política e negra, inspirada pelas lições acumuladas do cotidiano (convivendo com o racismo e a discriminação), do movimento estudantil e da formação familiar vinculada ao tio Leodoro e à AROL.

Yá Mukumby começou a participar do grupo União e Consciência Negra, inicialmente organizado por Nilson Domingues, e posteriormente engajou-se no Movimento Negro de Londrina, liderado na época por Idalto José de Almeida.²⁶ A partir desse momento, dedicou sua vida pessoal às bandeiras sociais e políticas deste agrupamento.²⁷

Sua trajetória política e religiosa, no Candomblé, no movimento negro e, a partir da década de 1980, no Partido dos Trabalhadores (PT) fez com que D. Vilma, a Mãe de Santo, conquistasse visibilidade e passasse a ser conhecida e respeitada pela sociedade londrinense envolvida com o debate político e racial.

²⁶ Nesse processo estavam articulados vários participantes, como Maria Eugênia Pinto de Almeida, professor Joaquim Braga, Vera Lima, Sebastião Rego, Nazilda Ventura, Genivaldo Dias de Souza, José Mendes, Maria de Fátima Beraldo e Silvano Mendes, dentre outros.

²⁷ A AROL já não existia, e foi no Movimento Negro londrinense que ocorreu sua trajetória de luta política em favor da população negra.



Participação no evento Unicanto – Festival de Corais de Londrina – Teatro Marista - 2002.
Foto: acervo pessoal.

D. Vilma, enquanto representante da realidade da população afro-brasileira, conforme citação abaixo, enfrentou problemas por ser uma mulher negra e de família pobre, elementos significativos para sua formação política e seu expressivo enfrentamento das situações de discriminação na sociedade brasileira. Para ela, na história do Brasil

o negro não podia estudar, o negro não podia comer, o negro só tinha que apanhar, que trabalhar e construir para o branco. E, por fim, nós saímos da terra do branco, [... os negros] que permaneceram nos quilombos [...] estão aí até hoje brigando pela terra, por meio de políticas para legalização dos quilombos. E os que não ficaram nos quilombos, estão onde? Nas favelas, ou roubando, sem estudo, no subemprego ou desempregados, né!?²⁸

Antes de militar efetivamente no movimento negro de Londrina, D. Vilma já militava na sua vida cotidiana e era observadora das relações sociais com enfoque racial.²⁹

A partir dessa vivência é que D. Vilma começou a questionar, a encarar e, principalmente, a enfrentar os valores raciais hegemônicos na sociedade londrinense, que não escapavam de uma perspectiva nacional de embranquecer o Brasil e ratificar a condição de marginalização e subalternização da população negra.

²⁸ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira às Profas. Dras. Ana Cleide Chiarotti Cesário e Ana Maria Chiarotti de Almeida, em 14 abr. 2010, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada. (Citação com acréscimo dos autores).

²⁹ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

Segundo Maria Nilza da Silva (2008), não houve preocupação com a inclusão do negro no processo de formação da sociedade e no desenvolvimento socioeconômico no período pós-abolição. Os estudos realizados por pesquisadores das relações raciais no Brasil, no âmbito do projeto empreendido pela UNESCO, como Florestan Fernandes, Costa Pinto, Thales de Azevedo e, desde o final da década de 1970, por inúmeros outros pesquisadores, mostram que, historicamente, os negros têm ocupado espaços subalternos e que, portanto, foram relegados para *os fundos* (a periferia) na sociedade, o que influencia e fortalece as situações de discriminação e de desigualdades sociais e raciais, contribuindo para a criação de estereótipos, preconceitos e lugares-comuns a seu respeito.

Nesse contexto, a cultura negra é omitida ou considerada um elemento exótico no cenário nacional. No caso do norte do Paraná, onde as migrações oriundas especialmente do Nordeste foram expressivas e fundamentais para a configuração da mão de obra das lavouras de café dos anos de 1940 a 1980, nas histórias podemos constatar sempre o destaque aos italianos, japoneses, alemães e ingleses, entre outros, mas a presença do povo negro está subestimada ou mesmo apagada (SILVA, 2006; 2008).

Daí a importância de eventos que valorizem o negro na história brasileira. Nesse sentido é que D. Vilma, juntamente com outros representantes do Movimento Negro, também participou da elaboração de aproximadamente 21 Semanas Zumbi dos Palmares na cidade de Londrina. “A semana dedicada a Zumbi é a oportunidade encontrada pelos movimentos negros, de Londrina e do Brasil, para elevar a autoestima da população afrodescendente [...] bem como discutir questões relacionadas à saúde, a permanência do negro na universidade, [...] e diminuir a evasão escolar” (Yá Mukumby, *Folha de Londrina*, Cidades, 16 Nov. 2006).

BALÉ

Cultura negra em ritmo de maracatu

O Balé Folclórico Nacional de Londrina encena hoje um espetáculo nas escadarias da Catedral em homenagem ao Dia da Consciência Negra

Foto: Sérgio Ranalli



"A Coroação dos Reis do Congo", que será encenada hoje, faz parte do espetáculo "Orgulho Nordestino" que conta com ritmos como ciranda, coco, maculelê, afoxé, maracatu e afro-brincante

O Balé Folclórico Nacional de Londrina em apresentação nas escadarias da Catedral de Londrina com o título "A Coroação dos Reis do Congo", que fez parte de uma das Semanas Zumbi dos Palmares, de cuja organização D. Vilma participou.

Fonte: *Folha de Londrina*, 20 nov. 2004, *Folha2*.

Participação político-partidária



Como mencionado, D. Vilma filiou-se ao PT já no seu primeiro ano de existência, em 1980, por acreditar que os ideais da legenda iam ao encontro dos seus e aos da comunidade negra. Sobre os motivos de ter se filiado ao PT:

É porque é o partido que o negro se identificava melhor, era o PT, então eu sou do primeiro ano do partido. [...] era por conta do trabalhador mesmo, do pobre, o pobre, o negro é junto [...]. Eu me identifico com o partido a partir daí, e eu me identifico com o partido até hoje, eu não posso me identificar com as “panelas”, você entendeu? Com todas as “panelas” do partido não posso me identificar, me identifico com o Partido, por exemplo, eu não posso dizer que eu não me identifico com a proposta de governo Lula, não tem como, o povo fala: “ah, é muito paternalista”. Você acha que é paternalista, eu acho que é paternalista, mas eu não vi outra forma que não fosse paternal de resolver.³⁰

As relações políticas de D. Vilma não se dão, contudo, exclusivamente com o Partido dos Trabalhadores: ela não se vê refém dessa legenda, e sim o considera parceiro. Mesmo tendo maior afinidade com este, entretanto, deixa as “portas abertas” para estabelecer diálogo com os demais partidos existentes na cidade.

A articulação social, política e cultural levou-a a ser convidada para se candidatar ao cargo de vereadora em Londrina, pelo PT, nas eleições de 2004, ela, porém, não aceitou, por entender que aquele não era o momento adequado. D. Vilma não fechava os olhos para os problemas

³⁰ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

internos enfrentados pelo partido e não queria ocupar um cargo público apenas para benefício próprio, queria que a legenda oferecesse a criação de um órgão específico para o tratamento das questões raciais em Londrina, pedido que não fora atendido naquele momento. Mesmo não exercendo cargo político algum, D. Vilma continua fazendo “barulho” e buscando, ao longo dos anos, parcerias pessoais ou institucionais que contribuam para a realização dos ideais de resistência e difusão da cultura afro-brasileira e da melhoria das condições de vida da população negra.



Dona Vilma, Presidente Lula e Prof. João Batista.
Foto: Márcia Lopes. Acervo pessoal

Articulação do Movimento Negro às instituições locais e nacionais



A participação de D. Vilma em projetos oficiais ocorreu a partir do encontro realizado pelo CENARAB, no início dos anos 1990 em Florianópolis-SC. Desde então, assumiu a incumbência de disseminar os ideais³¹ dessa entidade por todo o Norte do Paraná. Essa militância, inspirada na difusão dos valores e da cultura africana e sua resistência no Brasil, aproximou-a de Idalton José de Almeida, seu amigo e militante do movimento negro de Londrina, juntos articularam a criação do Pro-Ranti, cujo significado na língua yorubá é “aqueles que todos devem lembrar”.

Esse processo, segundo o depoimento de D. Vilma, começou ainda em 1991, quando ocorreu o Encontro de Entidades Negras (ENEN), realizado em outubro no estado do Rio de Janeiro. Nesse encontro estavam presentes negros do Brasil inteiro, buscando uma nova organização. A partir daí criou-se uma entidade chamada Centro Nacional de Africanidade e Resistência (CENARAB). O ENEN não tinha sede, era itinerante, ou seja, cada vez o encontro era realizado num estado do Brasil. O Paraná foi uma dessas sedes itinerantes, ficando sua organização sob a responsabilidade de duas Mães de Santo: Yá Dalzira, no Sul, em Curitiba, e D. Vilma, Yá Mukumby, ao Norte, em Londrina.

Foi naquele momento que Yá Mukumby levantou a questão da importância das Casas de Candomblé para a resistência da cultura afro-brasileira. A proposta do CENARAB era agregar o movimento negro e suas ações, a partir das Casas de Candomblé, reconhecendo a contribuição dessas organizações religiosas para reunir a população negra, não deixando o movimento social cair na dissolução e desorganização ao longo da década de 1990.

³¹ Valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Nessa perspectiva de articulação do movimento negro nacional e dos Terreiros de Candomblé, a primeira ação de D. Vilma foi criar o projeto Resgate da Raça Negra, Tradições e Identidade (que recebeu a sigla de inspiração yorubá, Pro-Ranti), que foi sediado na época no Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC). O Pro-Ranti teve como parceira, primeiramente, a UEL, e num segundo momento houve a criação da ONG Associação Afro-Brasileira (AABRA), liderada por D. Vilma e outros militantes do movimento negro, o que possibilitou a captação direta, sem intermediação da UEL, de recursos financeiros para os subprojetos do Pro-Ranti.

Por meio de sua representação religiosa, Yá Mukumby exerceu o papel de foco de resistência e preservação da cultura negra, reivindicando políticas públicas voltadas às famílias de santo e para o espaço dos Terreiros.³² Articulou o reconhecimento e a participação do Estado do Paraná e de outros estados que geralmente não são contemplados nesse sentido, rompendo com as políticas públicas que privilegiam os Estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, quando o assunto é religiosidade da população negra no Brasil.³³

É no Terreiro de D. Vilma que se realizam os 18 subprojetos culturais e sociais do Pro-Ranti, incrementados por meio de oficinas itinerantes: percussão, afoxé, dança afro, teatro, costura, fabricação de sabão, pães e pizza, culinária, cantos africanos e capoeira.

Sempre que se fala em cultura afro-brasileira, um dos nomes de maior destaque em Londrina, e no Paraná como um todo, é o de D. Vilma. Basta uma breve busca nos jornais locais para encontrar o nome Yá Mukumby ou D. Vilma Santos de Oliveira como ministrante, produtora, organizadora, coordenadora ou conselheira de projetos culturais que envolvam aspectos afro-brasileiros ou africanos, tais como peças teatrais, rodas de samba, festividades religiosas, contação de histórias, capoeira e culinária, entre outras expressões culturais abarcadas por esta matriz cultural.

³² Cf. entrevista realizada pelos autores para elaboração desta Biografia em 4 out. 2010.

³³ Cf. entrevista realizada pelos autores para elaboração desta Biografia em 4 out. 2010.

NEGRITUDE

Afrodescendentes comemoram Zumbi

Mariana Guerin
Reportagem Local

Começou ontem, com uma contação de histórias, as comemorações da XXI Semana Zumbi dos Palmares de Londrina. Por duas horas, mais de 40 crianças de uma escola pública da Zona Oeste reuniram-se na Usina Cultural, na região Central, para ouvir contos afro-brasileiros e aprender mais sobre a origem de seus ancestrais. "São histórias que fazem com que as crianças se aceitem como são, percebam sua beleza negra e deixem de se comparar à beleza ocidental", assinalou Vilma Santos de Oliveira, a Yá Mukumby, coordenadora do Conselho Municipal da Comunidade Negra.

Segundo ela, as crianças convivem com uma realidade marginalizada por isso é importante aproximá-las do movimento. "A idéia é resgatar a cidadania dos pequenos, fazer com que eles enxerguem além da marginalidade", explicou.

Yá Mukumby calculou que hoje 21% da população de Londrina são afrodescendentes e a principal insatisfação da comunidade é o grande número de negros que moram na periferia e estão diretamente ligados à criminalidade. "O preconceito é velado, mas está presente em todos os momentos. Precisamos nos impor, exigir nossos direitos e, se for preciso, usar a lei para mostrar que o negro deve ser respeitado", disse.

A semana dedicada à Zumbi é a oportunidade encontrada pelos movimentos negros, de Londrina e do Brasil, para elevar a auto-estima da população afrodescendente por meio da profissionalização, bem como discutir questões relacionadas à saúde, a permanência do negro na universidade, como inserir o jovem de risco em projetos culturais, baixar o índice de marginalidade e diminuir a evasão escolar, completou Yá Mukumby.

Para isso, enumerou ela, serão realizadas, até o próximo dia 26, em vários pontos da cidade, palestras, peças teatrais, oficinas de culinária e capoeira, mostra

Pré-lançamento da XXI
Semana Zumbi dos
Palmares ocorreu ontem
com contação de histórias,
capoeira e samba de roda



Para
Yá Mukumby
há muito
que fazer:
"Falta
vontade
política"

de vídeos e arte afro-brasileira, shows, cursos e o Fórum Municipal das Organizações Sócio-Culturais Afrodescendentes de Londrina. "Zumbi morreu pela liberdade escravagista e foi um exemplo de luta para a comunidade negra", exaltou Yá.

A cerimônia oficial de abertura da Semana será amanhã, com a apresentação do espetáculo Anastácia. No sábado pela manhã, haverá concentração afro no Calçadão da Avenida Paraná e, no domingo à tarde, roda de samba do projeto Quizomba. Ainda durante a semana de Zumbi serão discutidas realizações e desafios dos cotistas da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e literatura africana.

Outro assunto que será debatido durante a semana

comemorativa são os desdobramentos da religiosidade negra, que culminará numa missa afro no dia 26, na Capela Santa Ana, no Jardim Santa Fé (Zona Leste). Segundo Rosângela Alves Ferreira, coordenadora da pastoral afro de Londrina, é importante discutir como as raízes africanas influenciam as celebrações religiosas. "Durante o rito católico iremos agregar danças e cantos afros", contou.

Para Yá Mukumby, a semana tem ganhado cada vez mais adeptos ao longo dos anos, "inclusive o apoio da universidade e da igreja de modo geral". Militante do movimento negro há 25 anos, Yá acredita que ainda há muito o que ser feito pelos afrodescendentes no Brasil. "Falta vontade política em todas as esferas."

Folha de Londrina, Cidades, 16 nov. 2006.



Oficinas e
contação
de histórias
aumentam
auto-estima
das crianças

A história de vida dessa liderança se confunde em vários momentos com as expressões de matriz africana em Londrina. A relação com as pessoas do movimento negro ocorreu desde sua chegada a Londrina, em 1951. D. Vilma residia perto da AROL, que reunia diversos membros do movimento negro da cidade. O convívio com os principais articuladores deste clube a inseriu em um contexto que abrangia várias pessoas interessadas na valorização da cultura e história da população negra.

Seja por meio de projetos individuais, por parcerias ou como consultora, o fato é que as mãos de D. Vilma estão presentes em grande parte dos projetos culturais que tratam da temática africana desenvolvidos em Londrina.

Além dos já mencionados, D. Vilma colabora em vários projetos universitários, prestando assessoria a professores e alunos, ministrando cursos e fazendo parte de comissões universitárias, bem como junto à comunidade, conforme relato abaixo:

[...] eu tô num projeto da Ana Cleide Chiarotti e da Ana Maria Chiarotti, [...] e tô com esse que é de arte e música, [...] da Maria Irene, [...] que tá aprovado, chegou a verba, a gente tá esperando o pessoal se reunir pra fazer a compra. Aí hoje eu tô terminando um que é da capoeira com as crianças, que tá indo pra Palmares,³⁴ e um outro de eventos.³⁵

Os projetos citados no depoimento acima são os seguintes, “Diálogos com o Patrimônio Cultural e a Memória Coletiva”, coordenado pela professora Ana Cleide Chiarotti Cesario, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, “Diálogos e Trocas: Experiências com Ritmos, Sons, Cor e Imagens em Movimento com a comunidade do Jardim Josiane”, coordenado pela professora do Departamento de Artes da UEL, Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza.

³⁴ Fundação Cultural Palmares, órgão do governo federal.

³⁵ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

Atualmente, Mãe Mukumby participa de inúmeros projetos e programas,³⁶ que têm como foco a conservação da cultura afro, além da valorização da respectiva população. Também faz parte de uma comissão, junto a Pais e Mães de Santos de outros cinco estados brasileiros, para a implantação de políticas públicas para os Terreiros, projeto que deve ser apresentado ao governo Lula até o fim do ano de 2010; e é uma dos 600 Griôs³⁷ afro-brasileiros, reconhecida pelo Ministério da Cultura.³⁸

Para ser militante, de acordo com ela própria, é necessário compromisso com o movimento e, principalmente, com a população negra, sem interesses pessoais. Sem esse compromisso com a coletividade, o movimento social acaba se perdendo e sendo diluído.³⁹ No seu entender, o movimento negro londrinense no século XXI, passa por um período de crise, pois há interesses pessoais sobrepondo-se aos coletivos.

Segundo Mãe Mukumby, “os negros convivem com uma realidade marginalizada, por isso é importante aproximá-los do movimento. A ideia é resgatar a cidadania dos pequenos, fazer com que eles se enxerguem além da marginalidade”.⁴⁰

³⁶ Conselho Municipal para a Promoção da Igualdade Racial; Conselheira do Núcleo Afro-Brasileiro da UEL; membro do Conselho de Integração da Universidade, ocupando a cadeira das Religiões Afro-Brasileiras; membro da Comissão de Homologação de cotas para negros da UEL; vice presidente do Movimento Negro em Londrina; militante do Movimento Negro Unificado; promove o projeto “Vilma de todos os Santos”, cujo objetivo é a realização de sambas de roda, financiado pelo PROMIC; e o Projeto Diálogos Culturais (arte e música), financiado pelo Universidade Sem Fronteiras (USF).

³⁷ Mestres em Cultura popular.

³⁸ Ver em <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/a-lei-gri/>>, acesso em 15 out. 2010.

³⁹ Cf. entrevista realizada pelos autores para elaboração desta Biografia em 4 out. 2010.

⁴⁰ Entrevista publicada em 16 nov. 2006 na *Folha de Londrina*, p. 12.

Uma contribuição histórica para a UEL e para Londrina



Ainda em relação ao Movimento Negro, vale lembrar a atuação de D. Vilma no tocante à questão das políticas afirmativas no âmbito local. De fato, uma das grandes conquistas do Movimento Negro em Londrina, no qual D. Vilma atuou de perto desde o início, contribuindo intensamente nos debates ali realizados, foi a instituição do sistema de cotas na UEL (2004/2005).

No início do século XXI, a Fundação Palmares promovia seminários pelo País para debater sobre as políticas de cotas e o direito de inclusão dos jovens negros no ensino superior. A UEL sediou a realização de um desses eventos, por intermédio de D. Vilma junto à Reitora, na época, Profa. Lygia Lumina Puppato.

Esse debate ocorreu em abril de 2004 e teve como eixo o tema “O Negro na Universidade”. O evento foi resultado da parceria entre a Fundação Cultural Palmares, a Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, o Movimento Negro e a UEL. Também estava presente o presidente da Fundação Palmares, Zulu Araújo.

A partir desse momento, com o compromisso de realizar o debate sobre as cotas na UEL, D. Vilma começou seu enfrentamento efetivo no Conselho Universitário – órgão administrativo responsável pela aprovação ou não da política de cotas, como também pela promoção do debate com os docentes, alunos e funcionários.⁴¹

Para D. Vilma, a aprovação das cotas foi um marco importante para a comunidade negra londrinense. Segundo ela, entre as conquistas do Movimento Negro local:

⁴¹ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira às Profas. Dras. Ana Cleide Chiarotti Cesário e Ana Maria Chiarotti de Almeida, em 14 abr. 2010, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

as cotas eu considero a mais importante, porque você fazer reservar vagas para os negros na Universidade é um bem maior [...]. Dar estudo [...] e juntos dar cotas sociais também aos alunos das escolas públicas [...]. Muitos deles que achavam que universidade não é feita para negro, não é feita para pobre, então, isso eu achei muito importante.⁴²

Na UEL as cotas para estudantes negros e alunos de escolas públicas continuam em vigor, mas no início de 2011 será realizada uma nova votação pelo Conselho Universitário da referida instituição para decidir se haverá a continuação ou não do sistema⁴³.

Durante a instituição do sistema de cotas na UEL, produziram-se diversos materiais de apoio à discussão sobre as ações afirmativas. Entre eles está o livro *O negro na universidade: o direito à inclusão*, organizado por Jairo Queiroz Pacheco e Maria Nilza da Silva, do qual D. Vilma participou como coautora, tendo produzido um capítulo que faz parte das comunicações orais, fruto de sua participação no Seminário que deu nome à obra. D. Vilma fez uma palestra de abertura na mesa que discutia as ações afirmativas no seminário referido; a discussão que fez foi transcrita para o livro, em que traz elementos como a luta pelas cotas enquanto reparação histórica e combate à desigualdade racial, reafirmando a responsabilidade do Estado na aplicação de políticas públicas voltadas para a população negra. Em seu texto também faz um convite à comunidade acadêmica, alertando para a necessidade da reflexão sobre as questões raciais brasileiras, sobre o racismo e a discriminação racial e sobre as injustiças sócio-históricas sofridas pelos negros.



Noite de autógrafos no lançamento de *O negro na universidade*.
Foto: Maria Nilza da Silva.

⁴² Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira às Profas. Dras. Ana Cleide Chiarotti Cesário e Ana Maria Chiarotti de Almeida, em 14 abr. 2010, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

⁴³ Ao longo do primeiro semestre de 2011 foi realizada uma ampla campanha pró-cotas na UEL que contou com a participação de Dona Vilma, do Movimento Negro de Londrina e outros segmentos da sociedade civil, alunos e professores, que culminou na decisão do Conselho Universitário pela continuidade e aprimoramento do Sistema de Cotas da UEL.

Para um apontamento sobre essa discussão, trazemos um trecho do capítulo de sua autoria na referida obra:

Colocar na ordem do dia a questão racial, muito antes de ser um problema, é, sem dúvida, uma solução na busca do desenvolvimento integral da sociedade brasileira, desenvolvimento que depende, acima de tudo, da intervenção do Estado na implementação de políticas públicas. É necessário que os meios acadêmicos se dêem conta de que devem produzir conhecimento capaz de enfrentar essa realidade. É necessário que a comunidade acadêmica brasileira aceite como desafio descobrir e entender os motivos pelos quais, por anos e anos, se convivem com pouquíssimos alunos negros (PACHECO; SILVA, 2007, p. 140).



Yá Mukumby na entrada da UEL.
Foto: Léo Okuyama.

Prêmio Zumbi dos Palmares: reconhecendo a importância do Movimento Negro de Londrina



Em 20 de novembro de 2002, no Dia da Consciência Negra, a Câmara Municipal de Londrina instituiu o Prêmio Zumbi dos Palmares, que objetiva homenagear militantes do movimento negro, no qual a primeira edição contemplou o Dr. Oscar do Nascimento e D. Vilma Santos de Oliveira.

PRÊMIO ZUMBI DOS PALMARES

Londrina comemorou o Dia Nacional da Consciência Negra, com a criação do Prêmio Zumbi dos Palmares, que irá homenagear anualmente expoentes negros da comunidade londrinense.

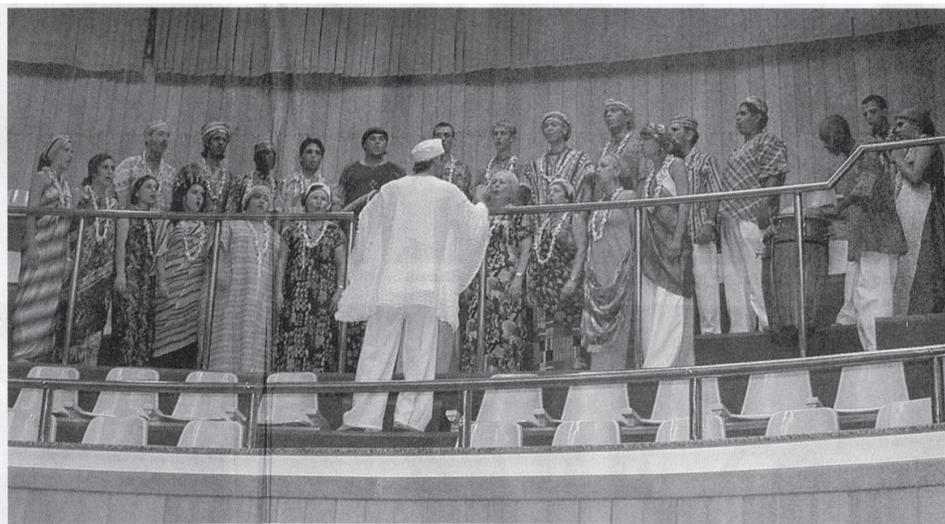
A primeira homenagem, acontecida na Câmara dos Vereadores, foi na noite do aniversário de morte de Zumbi dos Palmares, 20 de novembro, quarta-feira, com uma festividade que emocionou todos os presentes.

A primeira edição do Prêmio Zumbi dos Palmares homenageou dois membros do movimento negro de Londrina, o advogado Oscar Nascimento e a Yalaoixá Vilma Santos de Oliveira, também conhecida

como Yá Mukumbi, ambos com trajetórias importantes de luta e trabalho na comunidade londrinense.

As galerias da Câmara estava repletas de representantes da comunidade que cantaram, dançaram e se emocionaram com os discursos de Oscar Nascimento e Vilma. A presença do coral Unicanto, regido pelo maestro Zé Mário, vestido à moda afro; e os músicos Braga e Wagner Nogueira, abrilhantaram a festa.

Um banquete de extremo bom gosto foi servido para toda a população presente, com quitudes ricamente decorados e saborosos preparados pelo Ilê Asé Opô Omin.



O coral Unicanto que estava vestido à moda Afro foi regido pelo maestro Zé Mário e deu um brilho especial à homenagem da noite na câmara municipal

Folha Norte de Londrina, 23/11 a 29/11 de 2002, p. 12.

PRÊMIO

Comunidade negra é homenageada em Londrina

Jackeline Seglin
Reportagem Local

No Dia da Consciência Negra, a Câmara de Vereadores de Londrina faz uma homenagem a dois militantes do movimento negro local – Vilma Santos de Oliveira e Oscar do Nascimento – com a entrega do Prêmio Zumbi dos Palmares. A cerimônia, marcada para hoje às 20 horas, também abre oficialmente a 5ª Semana Zumbi dos Palmares, organizada pelo Conselho Municipal da Comunidade Negra de Londrina.

A mãe de santo Vilma Santos de Oliveira, conhecida como Yá Mukumbi, atua no movimento negro há mais de 25 anos. Além das atividades do candomblé, ela desenvolve uma série de projetos sócio-culturais em benefício da comunidade negra em Londrina. Aos 52 anos de idade, Vilma Oliveira coordena o Pró-Ranti (Projeto da Raça Negra, Tradição e Identidade) e integra o Conselho Municipal da Comunidade Negra de Londrina.

Nascida em Jacarezinho (Norte do Paraná), ela chegou em Londrina com apenas um ano de idade junto com a mãe (o pai morreu quando ela tinha 11 dias de vida). A história na luta junto à comunidade negra começou cedo. Ainda criança, ela acompanhava os familiares que militavam no movimento na época da AROL (Associação Recreativa e Operária de Londrina).

Aos 12 anos, Vilma se iniciou na umbanda e, aos 17, passou para o Candomblé, se iniciando em todas as obrigações. Aos 26, se tornou mãe de santo. A partir desse período começou a militância direta no movimento negro local.

O Pró-Ranti, fundado há nove anos pela própria Vilma, é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina com 16 sub-projetos que visam o trabalho e o resgate cultural, como oficinas de dança, capoeira, ritmo e som, teatro.

Vilma Oliveira também fez parte do Centro Nacional de Africanidade e Resistência Brasileira (Cenarab) e participou da sessão da ISTA (Escola Internacional de Antropologia Teatral), realizada em Londrina durante o Filo sob a coordenação do teatrólogo Eugênio Barba.

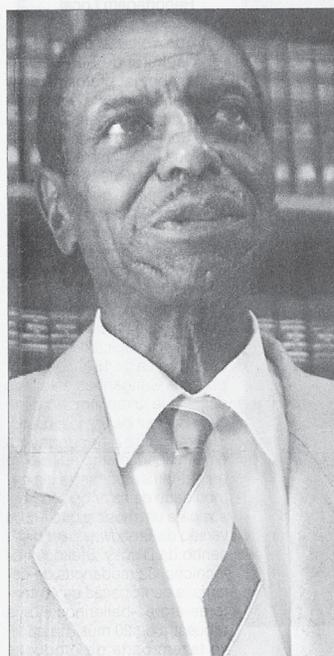
Integrante da diretoria da Escola de Samba Zumbi dos Palmares, Vilma Oliveira acredita que todo seu trabalho é decorrente da própria militância. "Vejo necessidade de passar a cultura negra para desmistifi-

Vilma Santos de Oliveira e Oscar Nascimento recebem hoje na Câmara de Londrina o Prêmio Zumbi dos Palmares



"Vilma Santos de Oliveira: 'Homenagem para mim seria a criação de um programa que mudasse a vida do negro no Brasil'"

Fotos: Paulo Wolfgang



Oscar Nascimento: "A nossa luta pela conquista de espaço não é paternalista. Lutamos pela integração na comunidade"

car a idéia que a sociedade faz do negro e da nossa cultura. Por isso não paro de trabalhar".

Na opinião de Vilma Oliveira, a luta da comunidade negra tem avançado e conseguido atingir muitos pontos favoráveis. "Sempre achei que o

negro deveria ocupar espaço e ser representativo na sociedade", diz a mãe de santo, que há duas gestões integra o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

Casada há 28 anos e mãe de seis filhos, Vilma

Oliveira divide as atividades no movimento com os afazeres de casa. E adora cozinhar, principalmente comida afro-brasileira.

No dia em que vai receber a homenagem, Vilma Oliveira espera que a ocasião seja uma oportunidade de falar sobre a luta da comunidade negra. "Uma homenagem para mim seria a criação de um programa que mudasse a vida do negro no Brasil, que o afastasse das drogas, da violência, da evasão escolar, com políticas afirmativas. O ideal é que as pessoas enxerguem mudanças. É preciso que toda a sociedade lute junto e tenha consciência".

O outro homenageado da noite é o advogado e economista Oscar do Nascimento. Nascido em 1929 na cidade de Coroados (interior de São Paulo), ele reside em Londrina desde os cinco anos de idade. Filho de agricultores, formou-se em duas faculdades – por esforço e decisão do pai, que faleceu quando ele tinha 16 anos. Oscar do Nascimento conta que iniciou o curso de Economia na Universidade Federal do Paraná em 1953 e o curso de Direito na Universidade Estadual de Londrina, em 1961.

Nessa época, Oscar do Nascimento lembra sua luta pelo desenvolvimento da raça negra e da movimentação em torno da Associação Recreativa e Beneficente Princesa Isabel e da AROL. "Foi realizado o primeiro carnaval de rua com escolas de samba, concurso de Miss AROL... Foi uma época bastante ativa para a sociedade negra no trabalho contra o preconceito. Na minha avaliação, foi a fase áurea do movimento negro em Londrina".

Oscar do Nascimento participou do Movimento da Consciência Negra e hoje faz parte do Conselho Municipal da Comunidade Negra de Londrina. Aos 72 anos, casado e pai de três filhos, ele lembra que vem atuando há mais de três décadas na advocacia e que se dedicou ao magistério por mais de 40 anos, lecionando na rede pública de ensino.

Sobre a homenagem, Oscar do Nascimento acredita que é uma forma do poder público estar se engajando no movimento. "A nossa luta pela conquista de espaço não é paternalista. Lutamos por oportunidade, igualdade, pela integração na comunidade", finaliza.

SERVIÇO

Entrega do Prêmio Zumbi dos Palmares a Vilma Santos de Oliveira e a Oscar dos Nascimento. Hoje, às 20 horas, na Câmara Municipal de Londrina.

Comunidade



Em noite de muita emoção, Vilma Santos de Oliveira e Oscar Nascimento entram na câmara dos vereadores para receber o prêmio Zumbi dos Palmares



Secretária da mulher

Maria José Barbosa, os homenageados pelo prêmio Zumbi dos Palmares, doutor Oscar Nascimento e yalaorixá Vilma Santos de Oliveira, ao lado do Secretário de Cultura Bernardo Pellegri e do presidente da Câmara dos vereadores Tercílio Turini

Reportagem sobre o Prêmio Zumbi, *Folha Norte*.

Vilma de Todos os Santos...



O ano de 2008 marca a realização de mais um importante projeto edificado por D. Vilma, o show “Vilma de todos os Santos” que foi financiado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), cujo objetivo é difundir sambas de roda para a comunidade.



D. Vilma em apresentação musical, com o show “Vilma de todos os Santos”.
Foto: Andreas Hofbauer. Acervo pessoal.

O show principal foi realizado no dia 14 de novembro de 2008. Nele D. Vilma estava ao lado de alguns outros músicos. Esse show foi o primeiro a ser concebido profissionalmente, já que em seu Terreiro e em roda de amigos Yá Mukumby “solta a voz” cotidianamente. Houve um momento muito especial nessa trajetória artística, quando ela teve a oportunidade de cantar ao lado do cantor e compositor Roberto Mendes no Pelourinho, em Salvador-BA.

O projeto “Vilma de todos os Santos” foi aprovado junto à comemoração dos 40 anos de iniciação desta Yalorixá, o que permitiu um sentido ainda mais especial àquele momento, além de proporcionar que D. Vilma disseminasse cantos do Candomblé junto à comunidade londrinense.⁴⁴

Desde o surgimento, o “Show Vilma de todos os Santos” foi realizado em espaços públicos, entre os quais a Concha Acústica, o Calçadão, o Teatro Zaqueu de Melo, no centro de Londrina, e no Espaço Cultural Cemitério de Automóveis⁴⁵, como também em espaços privados. Estreou em 14 de novembro o “Show Vilma de todos os santos”, com repertório de samba autêntico, além do cardápio com comida afro-brasileira. Acompanhada por uma equipe que promete e faz o show acontecer, Vilma canta samba de grandes compositores como Pixinguinha, Dorival Caymmi, João Bosco, Aldir Blanc, Noel Rosa, entre outros. *Vilma faz a ligação entre o candomblé e a comunidade. Utiliza, para isso, a música e a dança como expressões de uma religião alegre. Foi através dessa crença que incentivou Londrina às comunicações da cultura popular, ajudando na formação da identidade do negro.*⁴⁶

Por meio do conhecimento das diversas áreas da cultura negra, como música, arte, culinária, religião, e a sua participação ativa junto às pessoas e entidades dos mais variados segmentos na cidade de Londrina, D. Vilma angariou o respeito e a admiração daqueles que conhecem seu trabalho e luta cotidiana.

⁴⁴ “[...] agora acaba o samba e começa a macumba”, D. Vilma em show realizado no dia 23 de outubro de 2010 na Vila Cultural Brasil em Londrina.

⁴⁵ Vila Cultural patrocinada pelo PROMIC.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.londrinatur.com.br/evento.php?id=422>>, acesso em 4 nov. 2010.

D. Vilma: uma referência do Norte do Paraná



Com 60 anos de idade, dos quais 40 dedicados ao Candomblé e 30 à militância no Movimento Negro em Londrina, D. Vilma tornou-se, aos poucos, uma liderança na religião africana e nos movimentos sociais que objetivam a melhoria contínua da comunidade negra. Tornou-se, também, uma referência regional, o que a fez conhecer muitas pessoas, entre os quais, políticos, acadêmicos, artistas.

O resultado de ter sobre os ombros o título de referência regional, a significativa relevância de Londrina no cenário nacional e toda uma vida pessoal, política, religiosa e cultural em prol da cultura afro fez com que D. Vilma fosse constantemente requisitada a participar de eventos nacionais e internacionais relacionados à cultura e à problemática das relações raciais da população afro-brasileira.

Contudo, Mãe Mukumby, continua com sua vida “comum”, como ela mesma diz, cumprindo seus papéis diários de dona de casa, filha, esposa, mãe e avó, como pode ser mais bem evidenciado no depoimento que se segue:

No dia a dia não, eu sempre falo tenho que levantar, tenho que lavar, tenho que passar, tenho que fazer comida, tenho que ganhar o dinheiro pra comer, tenho que ir pro Terreiro, voltar às vezes de ônibus, às vezes de carona, ir no mercado comprar galinha, comprar comida, voltar carregando as sacolas, ir na reunião, ver se tem dinheiro do ônibus, às vezes não tem... eu não tenho problema nenhum com isso, porque a minha vida é assim. Agora, você vê essa pessoa que lava, que passa, que anda a pé, que às vezes não tem grana para o ônibus, de repente eu vou pra França, eu vou pra Portugal, eu vou pra Espanha.⁴⁷

⁴⁷ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

Essa trajetória, bem como os anos de experiência, fez com que Mãe Mukumby viesse a ser respeitada e reconhecida por grande parte da comunidade londrinense, dos mais diversos segmentos: alunos e professores universitários e da rede estadual, políticos, músicos, artistas, enfim, pessoas que tiveram informação ou acesso aos trabalhos desenvolvidos por ela nas últimas décadas.

Por isso, os pedidos de “bênção” tornaram-se uma constante, e os convites para a recepção de personalidades ilustres também. Isso se deve à seriedade e ao comprometimento com que D. Vilma tratou, e continua a tratar, todos os compromissos assumidos; todavia, ela se assusta com sua própria popularidade: “Ah, assusta, quando o Abdias do Nascimento⁴⁸ vem pedir bênção”.⁴⁹

A visibilidade e importância de D. Vilma na imprensa local e nacional foram constituídas pelo seu trabalho, tanto é que se tornou uma Mestre Griô em 2009, vinculada ao Ministério da Cultura, sendo reconhecida por promover a tradição oral como preservação da cultura negra, a partir do seu trabalho nas escolas de Londrina.⁵⁰ Inúmeras atividades compõem as estratégias no ambiente escolar, como, por exemplo: cantigas de roda, ciranda, coco, boi, contação de história, samba de roda, dentre outras.

⁴⁸ Intelectual negro, um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro (RJ), ex-político e ativista. Para maior aprofundamento ver: <<http://www.abdias.com.br/>>

⁴⁹ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

⁵⁰ Como exemplo podemos citar as escolas: Colégio Estadual Professor Ubedulha C. de Oliveira e Escola Estadual Lauro Gomes da Veiga Pessoa, dentre outras.

Conquistas e reivindicações



Vilma Santos de Oliveira: implantação do sistema de cotas para negros no vestibular da UEL foi a grande conquista este ano

No "Dia da Consciência Negra e de Luta Contra a Discriminação", a presidente do Conselho Municipal da Comunidade Negra, Vilma Santos de Oliveira, também conhecida como Mãe Mukumbi por sua atuação no candomblé, destaca alguns avanços do movimento.

Para ela, a implantação do sistema de cotas na UEL (que teve 2.193 negros inscritos para o vestibular de 2005) foi uma grande vitória para diminuir a exclusão social. Entre as reivindicações da comunidade, também está a viabilização em Londrina da Casa do Negro – um espaço cultural permanente para a comunidade de negros e afro-descendentes, estimada em 21% da população da cidade.

"Tivemos muito apoio do governo atual para as questões do negro e espero que ele nos ajude a tornar possível esse espaço cultural, uma reivindicação antiga que vai ser importante para o desenvolvimento de vários projetos", diz Vilma.

Ela também ressalta que é fundamental que o Conselho tenha uma secretaria ou esteja vinculado à alguma coordenação. "O Conselho ainda está muito solto. Não temos uma base, com suporte do governo, primordial para o desenvolvimento de políticas públicas."

A criação da Secretaria de Promoção e Igualdade Racial (Seprir), pelo governo federal, que ano em 2005 vai organizar a sua 1ª conferência nacional, é destacada por ela como um fato importante para a discussão de assuntos pertinentes entre as minorias raciais. "Negros, muçulmanos e ciganos, exemplos de categorias menos favorecidas no país, poderão ter um espaço para discutir seus problemas e buscar juntos as soluções".

Além de presidente do Conselho, Vilma também coordena o projeto de extensão "Tradições e Identidade", da UEL, e o "Afóxe", que faz parte dos projetos estratégicos da Rede da Cidadania. Ela também foi fundadora da Associação Afro-Brasileira na cidade. (A.P.N.)

Liderança Negra e Religiosa



As ações culturais realizadas por D. Vilma não envolvem apenas o contexto regional. Em 2006, foi convidada pelo presidente da Fundação Palmares, Zulu Araújo, para participar da II Conferência Internacional de Intelectuais da África e da Diáspora (II CIAD), realizado em Salvador-BA,⁵¹ quando recebeu o convite do então ministro da Cultura, Gilberto Gil, a fim de escrever um artigo⁵² para o relatório final, intitulado “A Grande Refazenda”.



Profa. Dra. Zélia Amador de Deus, D. Vilma, Ministro Gilberto Gil e Profa. Dra. Maria Nilza da Silva. II CIAD, Salvador BA, 2006.
Foto: acervo pessoal.

⁵¹ Ver em: <<http://www.ciranda.net/spip/article303.html>>, acesso em 15 out. 2010.

⁵² Ver “O trauma da viagem da volta”, de Yalorixá Mukumby. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2252704/refazenda>>, acesso em 15 out. 2010.

D. Vilma participou do evento ao lado de intelectuais, brasileiros e estrangeiros, pelo trabalho incansável que realiza junto à comunidade negra de Londrina e região, mas cujos resultados são difundidos nas áreas mais longínquas deste país:

[...] do interior do Paraná, com tantos intelectuais negros do mundo inteiro, que estavam ali naquele momento e você é convidada pelo ministro a escrever um artigo – recebi um telefonema do ministro, depois a assessoria de imprensa do ministro ficou me acompanhando, pedindo um artigo e tal, encaminha um artigo, e o artigo saiu no livro do relatório –, [...], mas não é todo mundo que percebe essa importância, que vê.⁵³

A relação de envolvimento de D. Vilma com a cultura afro é intrínseca em seu cotidiano e, por vezes, ela não se percebe como uma referência, pelo fato de sentir que está apenas cumprindo com suas obrigações em prol da comunidade negra.

[...] hoje eu percebo aqui na cidade, as coisas, pra mim eu tô militando, eu não tô nem um pouco preocupada, porque o que eu entendo que tenho que contribuir, que tenho que fazer enquanto trabalho pra o meu segmento, para o meu povo, eu faço com dinheiro, sem dinheiro... Eu tento fazer, dou um murro nas pontas de faca e faço o que eu tenho que fazer. [...] chega uma autoridade aqui na cidade, e o povo de repente quer a minha presença quando a autoridade tá.⁵⁴

⁵³ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

⁵⁴ Cf. entrevista concedida por Vilma Santos de Oliveira à socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.



D. Vilma e Ministro Gilberto Gil no Ilê Axé Opô Afonjá (Terreiro tombado pelo Patrimônio Histórico – IPHAN), Salvador-BA, 2006. Foto: acervo pessoal.



D. Vilma com o ator Antonio Pitanga na II Conferência Internacional de Intelectuais da África e da Diáspora (CIAD), Salvador-BA, 2006. Fonte: acervo pessoal.

Considerações finais



As tradições brasileiras, nos mais diversos campos: cultural, social, econômico, histórico, sempre privilegiaram os valores vinculados às elites brancas que controlaram o poder do Estado e promoveram seus interesses.

Por isso, como exemplos, podemos indicar: a) o padrão de beleza perpetuado nos últimos cinco séculos, que sempre valorizou o perfil loiro de olhos claros (azuis ou verdes), e, quando outros tipos de beleza foram reconhecidos, estes percorreram o caminho da sexualidade ou da imagem do Éden;⁵⁵ b) a reprodução do senso comum em famílias que perpetuam nas crianças o medo do homem negro, com expressões que promovem valores pejorativos aos termos relacionados à negritude; c) o crivo para se atestar o bom cidadão é a percepção de sua ascendência econômica pela quantidade de propriedades que conseguisse possuir, ou os resultados acumulados do seu trabalho, no entanto, poucos discutem que a população africana foi sequestrada em seu continente e obrigada ao trabalho desumano até 120 anos atrás e que o processo de pós-abolição não permitiu que sua condição socioeconômica fosse alterada.

Nas décadas subsequentes ao processo oficial de abolição da escravatura, o Estado brasileiro continuou sua política segregacionista, utilizando-se de inúmeros recursos para subalternizar e discriminar o maior segmento populacional brasileiro: por exemplo, a estimulação de contratação de mão de obra livre vinda da Europa ou Ásia.

Esse quadro de subalternização imposto à maioria da população brasileira (negros ou afro-descendentes) foi caracterizado pela cidadania precarizada, com seus direitos não efetivados ou pelas más condições de vida existentes nas periferias urbanas. Os resultados desse processo

⁵⁵ Na tradição bíblica judaico-cristã, o Jardim do Éden seria o mesmo que o Paraíso.

brasileiro são fúnebres: inúmeros índices apresentam, com enfoque racial (brancos e negros ou afro-descendentes), as desigualdades sociais, econômicas e educacionais, como o genocídio⁵⁶ imposto às crianças, adolescentes e jovens das periferias promovido pela violência urbana do tráfico e dos abusos policiais.

Foi em meio a essa realidade que Yá Mukumby, D. Vilma Santos de Oliveira, se constituiu como militante da causa negra no Brasil, tornando-se como liderança dentro de sua família, no campo religioso, a partir do Candomblé, e no movimento social, com o Movimento Negro de Londrina.

Sua trajetória de vida de mulher, negra, mãe, trabalhadora e guerreira – filha de Ogum– é uma práxis a partir da formação oral africana cotidiana no sistema religioso do Candomblé e a articulação política para a conquista de direitos e sua efetivação para a população da periferia.

A confecção de sua biografia foi um exercício de pesquisa social na contramão da história brasileira, porque não privilegiou a história oficial e suas grandes conquistas, mas valorizou a protagonista, que é símbolo de resistência africana em um país feito para os brancos e seus projetos.

Sem proselitismo religioso ou julgamento de valores, foi possível reconhecer que a atuação de Yá Mukumby norteou parte da história do Movimento Negro de Londrina e a conquista da implantação do Sistema de Cotas na Universidade Estadual de Londrina em 2004/2005, que é uma forma de inversão da lógica legal instituída no Brasil desde o processo de escravidão.

Com alegria podemos dar por cumprida essa atividade de pesquisa e reconhecimento público de uma mulher negra e guerreira,– D. Vilma ou Yá Mukumby – , que em vida merece sentir que é possível conquistar mudanças significativas para a constituição de uma nova sociedade brasileira, no qual a população negra seja valorizada e respeitada nas mais diversas esferas sociais (cultural, religiosa, política, econômica, educacional).

⁵⁶ Para maior aprofundamento, ver Nascimento (1978).

Posfácio

Yá Mukumby, ser humano essencial nascido Vilma Santos de Oliveira

Mario Fragoso

Jornalista, ator e Asogun do Ilê Axé Ogum Megê

Se me pedissem pra definir a Yalorixá Mukumby Alangangue em uma palavra, diria, sem pestanejar, serenidade. É desta forma, pelo menos, que me lembro da Mãe de Santo que tanto defendeu e dignificou o Candomblé e as demais religiões de matriz afro-brasileiras. Que tanto se dedicou à causa negra na busca incessante da igualdade, da concretização de direitos e de oportunidades.

Sua casa no Jardim Hedy, todo mundo sabia, estava sempre de portas abertas para quem quisesse uma palavra de conforto, um conselho, uma orientação ou, simplesmente, um bate-papo sem compromisso. Um fim de tarde de jogar conversa fora. Falar sobre o samba, a cidade, o país e o mundo. As pessoas. O viver das pessoas que habitam o montículo de poeira estelar envolto em água que chamamos de Terra.

As panelas nunca saíam de cima do fogão, pois, a qualquer momento, um filho ou filha, carnal ou de santo, poderia aparecer por lá com fome. Seria alimentado. Física e espiritualmente. Parecia que nada lhe pertencia. Tudo era pra ser compartilhado. De coração aberto. Tanto no plano material quanto nas coisas da alma. Daí, a essencialidade de Dona Vilma Santos de Oliveira.

Apesar das agruras que a vida lhe pôs no caminho, não me recordo de ouvi-la reclamando de alguma coisa. Estava sempre com um sorriso na ponta da língua pra alegrar quem estivesse triste. Da mesma forma, aquela palavra que desaperta o coração da pessoa angustiada. Nem a

idade avançando e os problemas de saúde se manifestando conseguiram arrefecer-lhe o ânimo de viver com e para as pessoas.

O respeito pela religiosa e pela militante, assim, veio de forma natural. Serena. Sem alarde. Chegou sem ser notado. Quando Londrina, o Paraná e o Brasil se deram conta, ela se tornara uma referência religiosa e política nacional. Foi no dia a dia, no envolvimento, de corpo e alma, com tudo que dizia respeito à maioria afrodescendente da população brasileira.

Quem frequenta e pratica o Candomblé sabe que, por ser uma atividade humana, tal ambiente não é imune a pequenezas como o exercício da vaidade. Disputa de território, fiéis e poder. Por isso, ela era uma espécie de reserva moral dos Ilês. Ia em todos os Candomblés. Sempre levava uma bebidinha para oferecer aos Alabês nos intervalos do batuque. Era querida por todos.

Viveu e morreu de alma limpa e peito aberto. Seu assassinato, tragédia que abalou Londrina e outras cidades e estados onde a Yalorixá era conhecida, respeitada e reverenciada, pode ser descrito como outra crônica de uma morte anunciada. O ato criminoso foi consumado no dia 3 de agosto, mas havia meses que o assassino, seu vizinho, bradava para quem quisesse ouvir que o demônio morava ao lado.

Passado o abalo inicial do soco na boca do estômago que foi o tríplice assassinato, pois sua mãe, a octogenária Ekede Lemba Gemim de Oxalá, e sua neta Olívia, 11 anos, também foram vítimas da intolerância religiosa, seus filhos, carnisais e de santo, e admiradores em geral trabalham no sentido de preservar o legado e a memória da Yalorixá Mukumby Alagangue de Ogum, a mais querida da cidade de Londrina.

Neste sentido, a reedição de sua biografia reveste-se de fundamental importância. Será, assim como a concessão da Cidadania Honorária pela Câmara de Vereadores de Londrina, além de inúmeros eventos a ela dedicados, uma forma de manter acesa a chama do trabalho cotidiano visando a construção de um mundo mais humano. Um mundo pautado pela paz. Pela tolerância e o respeito à diversidade.

Londrina PR, 02 de novembro de 2013

Ya Mukumby Cidadã Honorária de Londrina



Legenda: No dia 31 de outubro de 2013 a Prefeitura Municipal de Londrina conferiu o título de Cidadã Honorária, *Post Mortem*, a Vilma Santos de Oliveira, a Yá Mukumby.

Foto: N.com. Disponível em: http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18838:conselho-municipal-de-promocao-de-igualdade-racial-e-nomeado&catid=108:destaques. Acessada em 02/nov/2013.

Referências bibliográficas



BORTOLOTTI, João Baptista. *Planejar é preciso: memórias do planejamento urbano de Londrina*. Londrina: Midiograf, 2007.

BRANDÃO, Adelino. Contribuições afro-negras ao léxico popular brasileiro. *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro: MEC, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, n. 21, v. 8, 1968.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza (Org.). *O negro na universidade: o direito a inclusão*. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.

PANTA, Mariana; SILVA, Maria Nilza da. *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina*. Londrina: UEL, 2010.

SILVA, Maria Nilza da. O negro no Brasil: um problema de raça ou de classe. *Mediações*. Londrina, n. 2, v. 5, pp. 99-124, jul/dez. 2000.

_____. *Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo*. Fundação Cultural Palmares, Brasília, 2006.

_____. O negro em Londrina: da presença pioneira negada à fragilidade das ações afirmativas na UEL. *Revista Espaço Acadêmico*. Maringá, n. 82, p. 2-10, mar/2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 2 ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.

ACERVOS E FONTES DOCUMENTAIS:

Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal de Londrina - Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza

Acervo do Museu Histórico de Londrina – Pe. Carlos Weiss.

FOLHA DE LONDRINA. Folha cidade. Afrodescendentes comemoram Zumbi. Londrina-PR, 16 Nov. 2006.

FOLHA DE LONDRINA. Folha cultura. Semana Zumbi em parceria.Londrina-PR, 11 nov. 2005.

FOLHA DE LONDRINA. Folha2. Comunidade Negra é homenageada em Londrina. Londrina-PR,20 nov. 2002.

FOLHA DE LONDRINA. Folha 2. Cultura Negra em ritmo de maracatu. Londrina-PR, 20 nov. 2004.

FOLHA NORTE. Caderno Comunidade. Prêmio Zumbi dos Palmares.Londrina-PR, 23 a 29 nov. 2002.

FONTES ORAIS:

Entrevista cedida por Vilma Santos de Oliveira aos autores, em 4 out. 2010, para elaboração desta Biografia.

Entrevista realizada com Vilma Santos de Oliveira pela socióloga Mariana Albuquerque Laiola da Silva, em 17 ago. 2009, revisada e com divulgação autorizada pela entrevistada.

Entrevista realizada com Vilma Santos de Oliveira pelas Profs. Dras. Ana Cleide Chiarotti Cesário e Ana Maria Chiarotti de Almeida, revisada e autorizada para análise pela entrevistada em 14 abr. 2010.

Entrevista realizada com Dr. Oscar do Nascimento pela graduanda em Ciências Sociais Larissa Mattos Diniz em 16 jun. 2009.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Foto Jacarezinho: disponível em <<http://www.jacarezinho.nafoto.net>>, acessado em 12 out. 2010.

Estudantes que se autodeclaram negros na Universidade Estadual de Londrina: disponível em: <<http://www.uel.br/proplan/?content=aval-institucional/pesquisas-daa.html>>, acessado em 9 out. 2010.

DINIZ, Larissa Mattos; BORGHI, Eduardo Baroni.A população negra em Londrina: uma luta por

reconhecimento. *XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio*, disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276743030_ARQUIVO_ANPUH_AROL.pdf>, acessado em 17 out. 2010.

DINIZ, Larissa Mattos. Resistência e sociabilidade na Associação Recreativa Operária de Londrina – Arol. Trabalho de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Londrina. *Anais EAIC*, 2009. Disponível em: <<http://www.eaic.uel.br/artigos/CD/4369.pdf>>, acessado em 15 out. 2010.

BRASIL, Ministério da Cultura. *Projeto de Lei Griô Nacional (Iniciativa Popular)* Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/a-lei-griô/>>, acessado em 15 out. 2010.

II Conferência Internacional de Intelectuais da África e da Diáspora: Disponível em: <<http://www.ciranda.net/spip/article303.html>>, acessado em 15 out. 2010

YALORIXÁ MUKUMBY. “O trauma da viagem da volta”. In: SANTOS Jr., Waldomiro. *A grande refazenda*. Brasília: Ministério da Cultura/Ministério das Relações Exteriores, 2006. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2252704/refazenda>>, acessado em 15 out. 2010.

Álbum de Família



Família Paterna: tia Marta Maria dos Santos, avô Benedito Manoel dos Santos, tia Madalena dos Santos, tia Geralda dos Santos. Aparecida do Norte-SP.

Foto: acervo pessoal.



Filho de Santo: Skarlet (em memória) morou com D. Vilma mais de vinte e oito anos.

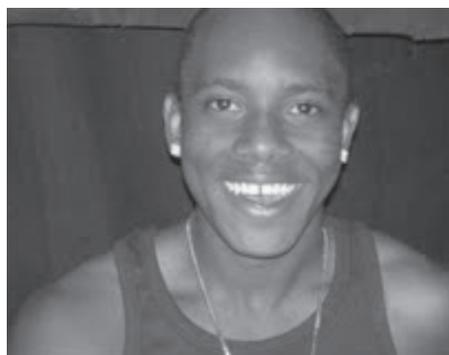
Fonte: acervo pessoal.



Filhos e Filhas: Víctor, Gislene, Vanessa, Robson e D. Vilma.
Foto: acervo pessoal.



Filha: Gislene.
Foto: acervo pessoal



Filho: Víctor.
Foto: acervo pessoal.



Filha: Patrícia Fernanda de Lima.
Foto: acervo pessoal



Filho: Lincoln à esquerda (em memória)



D. Allial e D. Vilma (em memória) , Sr. Flávio e os netos:
Solana, Olívia (em memória) e Ítalo.
Foto: acervo pessoal.



Neto: Iori.
Foto: acervo pessoal.



Filho: Robson e a nora Glória
Foto: acervo pessoal.



Neta Olívia (em memória),
filha Vanessa,
Salvador – BA.
Foto: acervo pessoal.



Neta: Adanna.
Foto: acervo pessoal.



Filha: Gislene e o genro Célio com os filhos.

